



**SEMANA
EXPERIMENTAL
URBANA**

SEU

VIVÊNCIA, RUA E RELAÇÃO

**SEMANA
EXPERIMENTAL
URBANA**

SEU

VIVÊNCIA, RUA E RELAÇÃO

Enquanto artistas à procura de abordagens sensíveis sobre a cidade, concentramos esforços para organizar um encontro e interferir, por meio de ações e gestos, no acontecer dos impulsos do espaço público.

SEU - SEMANA EXPERIMENTAL URBANA surgiu como um sonho alimentado por nós desde as primeiras experiências vivenciadas em encontros nacionais de intervenção urbana e iniciativas alternativas: realizar em Porto Alegre uma proposta experimental em artes - de vivência, rua e relação -, propondo o encontro e o intercâmbio entre artistas de diferentes lugares do Brasil e América Latina, com a intenção de fomentar o trabalho coletivo, compartilhando percepções e experiências.

Esta ocupação temporal, emocional e coletiva da cidade para a convivência intensiva, reuniu entre os dias 19 e 25 de junho de 2010, um grupo disposto a vivência, ao questionamento dos meios e modos de fazer e pensar em arte e dos limites ao que se atribui como obra. O espaço público da cidade, elemento constitutivo das propostas que acolhemos, foi o laboratório e lugar de relação e convivência do SEU, além do QG da Travessa dos Venezianos, que se tornou ponto de convergência durante o encontro, habitado diariamente para informações, trocas, discussões e celebração.

Organização

Camila Mello
Manuela Eichner
Rodrigo Lourenço

Apoio_ ações e registro fotográfico

Adauany Zimovski
Juliana Lima
Lianne Strapazon
Rodrigo Uriarrt
Sol Casal

Apoio incondicional_QG da Travessa

Dona Vera e Família

Apoio_hospedagem

CPERS/Sindicato
Casa Azul Hostel

Agradecimentos

Todos moradores da Travessa dos Venezianos

APOIO:



FINANCIAMENTO:



**PORTO
ALEGRE**
19 a 25 junho 2010



BIM FERNANDEZ

PERSEU VS. CRACK (REVERSE GRAFFITI) ação

C.I.M - Colectivo de Intervenciones Múltiples
COMUM-UNIÃO performance

CAMILA LIMA BARRETO

SolidAR ARquiEscultura ARautoInsuficiente
performance

CDM - Centro de Desintoxicação Midiática
“ESTAMOS NOS LIBERTANDO DO HÁBITO QUE
TÍNHAMOS DE EXPLICAR TUDO” intervenção gráfica

CHICAMATAFUMBA

INUNDAÇÃO ação em transporte público

COLETIVO CURTO-CIRCUITO

A PROCURA situ-ação micropolítica no cotidiano

COLETIVO SD

ITINERÁRIO SD 0.5 [SM POA]
plano sequencial de intervenções e registros

DAGGI DORNELLES

COR VESTE CIDADE – NÃO SEI SE OUÇO QUADROS,
OU VEJO CONTOS... ação

EIA

SAIA SEU performance interativa

FERNANDA MANEÁ

INTERVENÇÃO NA FACHADA - AZUL GALERIA

GEORGE SANDER

PSY-SOMA intervenções performáticas

ISABELA SILVEIRA

ISTO É APENAS UMA MULHER
intervenção urbana de dança contemporânea

IZIDORIO CAVALCANTI

SAGRADO CORAÇÃO DE IZIDORIO CAVALCANTI
performance

JULIO LEITE

CROMA criação obra de poesia visual

LEOPOLDO KUNRATH

DesAPARECIDO distribuição de poesia DesAPARECIDA

LETÍCIA RAMOS

EIXO Z instalação pública de periscópio

LIA LETÍCIA

VENDO MEU VOTO: TRATAR AQUI ação pública

LOURIVAL CUQUINHA

IMAGE OFF ação

MAÍRA VAZ VALENTE

1:1 VERSÃO AMARELO investigação performática

MILENA DURANTE

COMO COMEÇOU O MUNDO? entrevistas de 30 seg.

PROJETO CÉRBERO

AVES DANINHAS
remake cérberiano

TEATRO PORCOS COM ASAS

ENGESSAMENTO DE FANDO E LIS performance urbana

TREZE NUMA NOITE

SAMBA DOS FEIJÕES - CABO DE FORÇA -
REMINISCÊNCIAS performance

VÂNIA MEDEIROS

PONTOS DE FUGA ação ambulante

WOLDER WALLACE

BRINDE performance

ARTISTAS AÇÕES



BIM FERNANDEZ

Retirando camadas de sujeira, musgo, tinta das paredes, surge a imagem de Perseu, segurando a cabeça cortada de Medusa. Acima, a frase "CHEGA DE TRANSFORMAR TUDO EM PEDRA!", uma alusão direta ao problema do crack no Brasil.

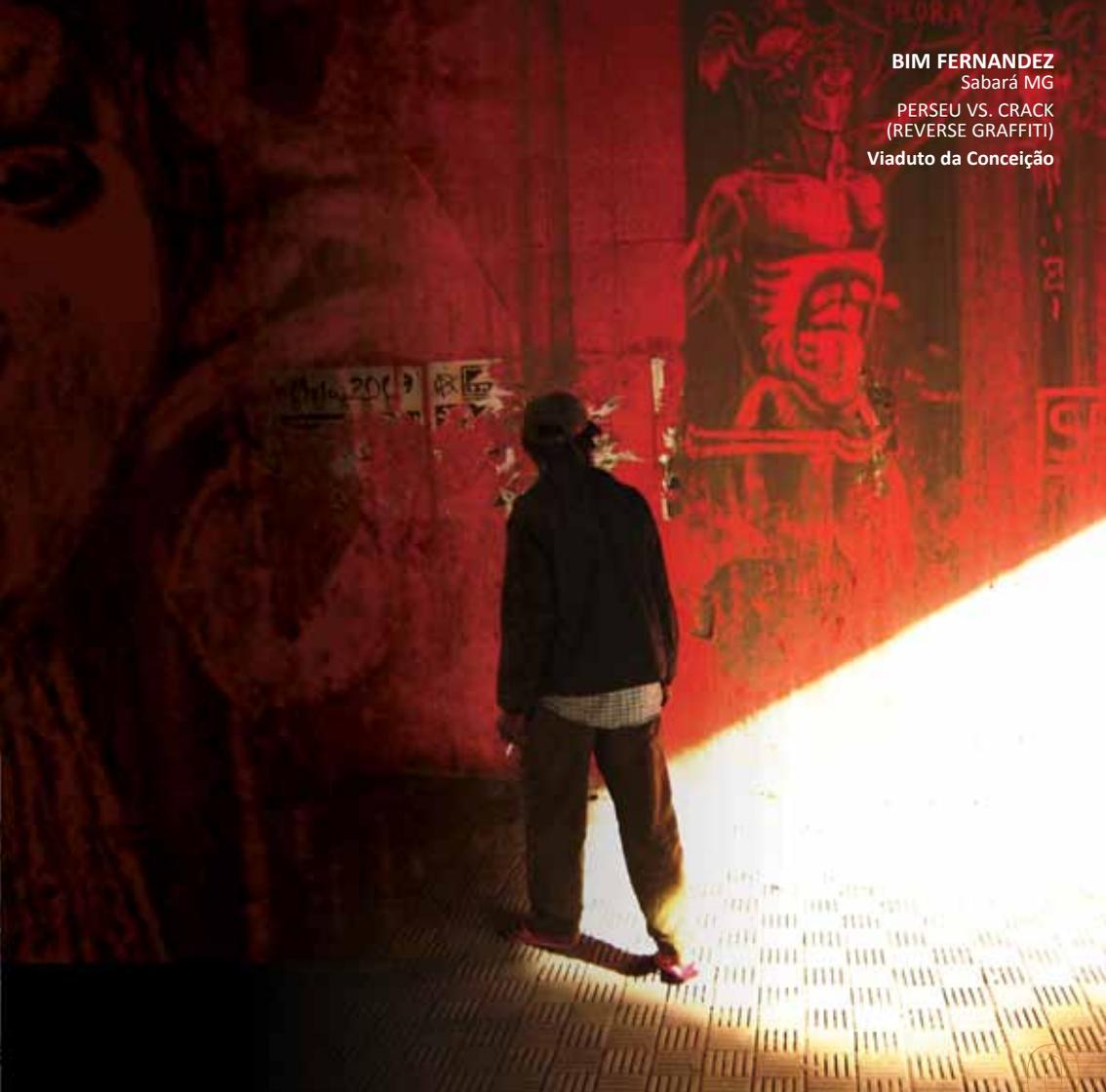
Membro do coletivo de artistas Azucrinal!, de Belo Horizonte.
www.azucrinal.org

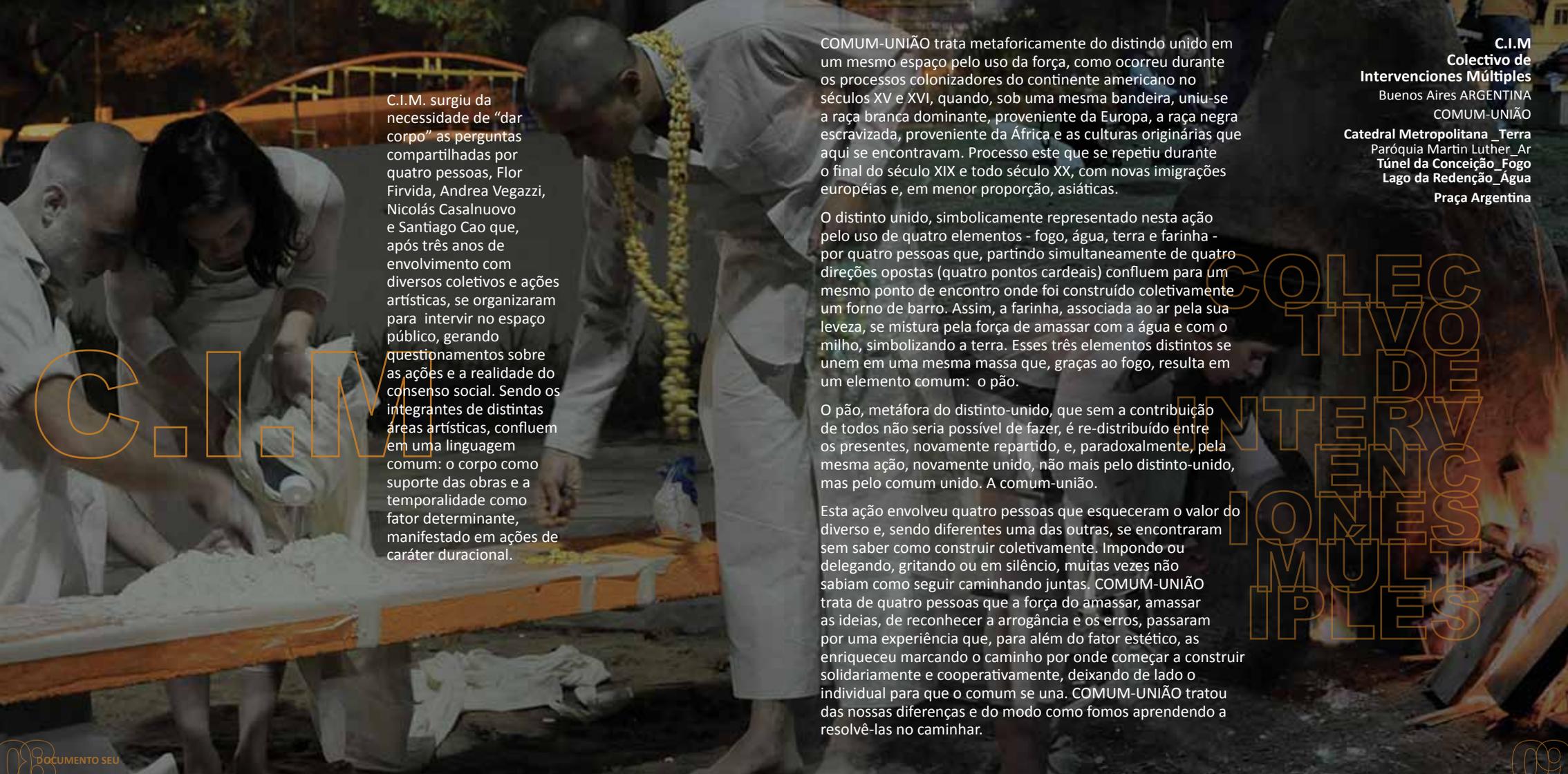
BIM FERNANDEZ

Sabará MG

PERSEU VS. CRACK
(REVERSE GRAFFITI)

Viaduto da Conceição





C.I.M. surgiu da necessidade de “dar corpo” as perguntas compartilhadas por quatro pessoas, Flor Firvida, Andrea Vegazzi, Nicolás Casalnuovo e Santiago Cao que, após três anos de envolvimento com diversos coletivos e ações artísticas, se organizaram para intervir no espaço público, gerando questionamentos sobre as ações e a realidade do consenso social. Sendo os integrantes de distintas áreas artísticas, confluem em uma linguagem comum: o corpo como suporte das obras e a temporalidade como fator determinante, manifestado em ações de caráter duracional.

COMUM-UNIÃO trata metaforicamente do distinto unido em um mesmo espaço pelo uso da força, como ocorreu durante os processos colonizadores do continente americano no séculos XV e XVI, quando, sob uma mesma bandeira, uniu-se a raça branca dominante, proveniente da Europa, a raça negra escravizada, proveniente da África e as culturas originárias que aqui se encontravam. Processo este que se repetiu durante o final do século XIX e todo século XX, com novas imigrações europeias e, em menor proporção, asiáticas.

O distinto unido, simbolicamente representado nesta ação pelo uso de quatro elementos - fogo, água, terra e farinha - por quatro pessoas que, partindo simultaneamente de quatro direções opostas (quatro pontos cardeais) confluem para um mesmo ponto de encontro onde foi construído coletivamente um forno de barro. Assim, a farinha, associada ao ar pela sua leveza, se mistura pela força de amassar com a água e com o milho, simbolizando a terra. Esses três elementos distintos se unem em uma mesma massa que, graças ao fogo, resulta em um elemento comum: o pão.

O pão, metáfora do distinto-unido, que sem a contribuição de todos não seria possível de fazer, é re-distribuído entre os presentes, novamente repartido, e, paradoxalmente, pela mesma ação, novamente unido, não mais pelo distinto-unido, mas pelo comum unido. A comum-união.

Esta ação envolveu quatro pessoas que esqueceram o valor do diverso e, sendo diferentes uma das outras, se encontraram sem saber como construir coletivamente. Impondo ou delegando, gritando ou em silêncio, muitas vezes não sabiam como seguir caminhando juntas. COMUM-UNIÃO trata de quatro pessoas que a força do amassar, amassar as ideias, de reconhecer a arrogância e os erros, passaram por uma experiência que, para além do fator estético, as enriqueceu marcando o caminho por onde começar a construir solidariamente e cooperativamente, deixando de lado o individual para que o comum se una. COMUM-UNIÃO tratou das nossas diferenças e do modo como fomos aprendendo a resolvê-las no caminhar.

C.I.M
Colectivo de
Intervenciones Múltiples
Buenos Aires ARGENTINA
COMUM-UNIÃO

Catedral Metropolitana _Terra
Paróquia Martin Luther _Ar
Túnel da Conceição _Fogo
Lago da Redenção _Água
Praça Argentina

COLECTIVO DE
INTERVENÇÕES
MÚLTIPLES

CAMILA LIMA BARRETO

Porto Alegre RS

SolidAR

ARquiEscultura
ARautolinsuficiente

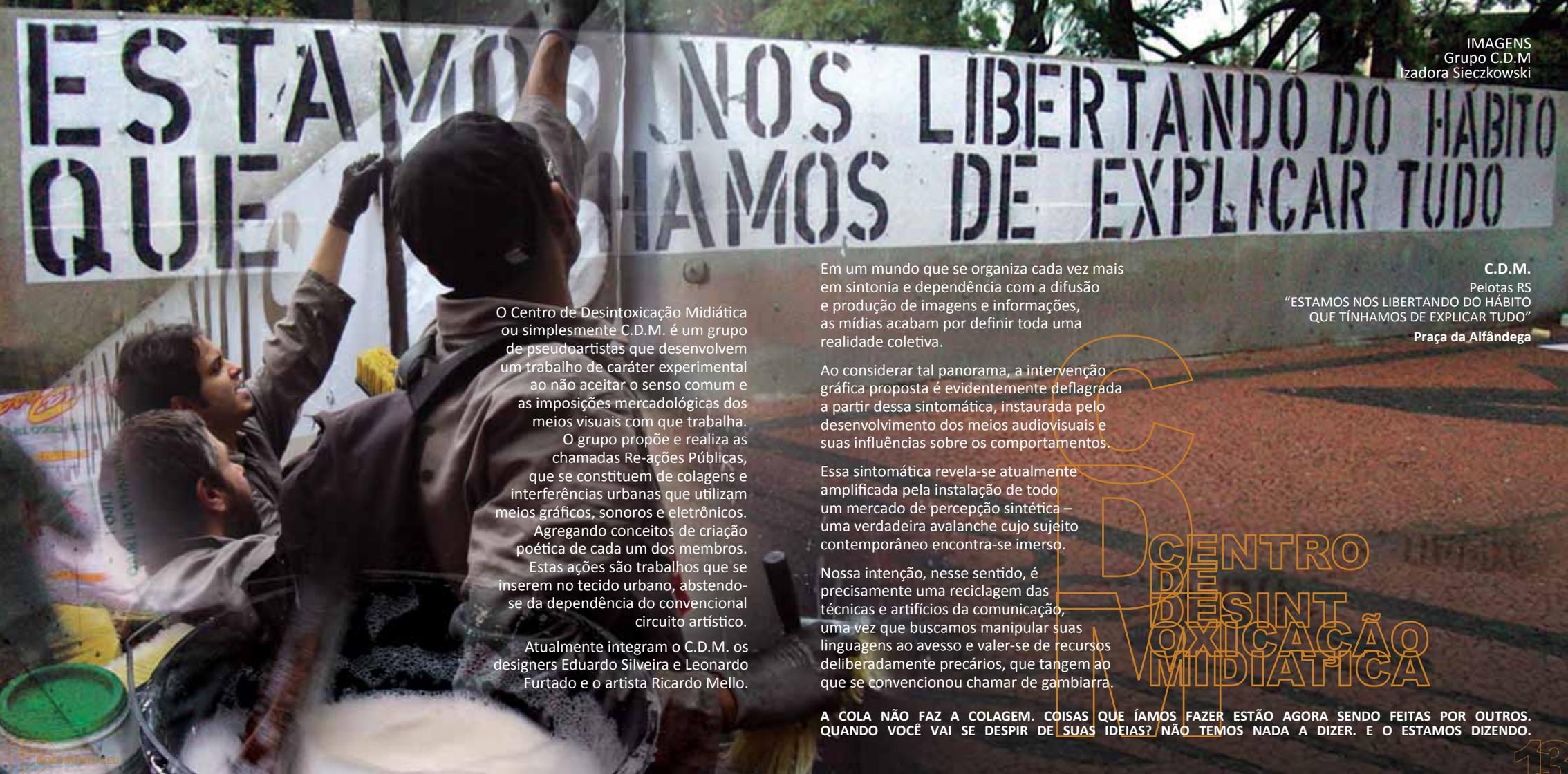
Mercado Público

Proposta de intervenção urbana, fundada a partir da performance, onde se realiza a dobradura de origamis super dimensionados. Trata-se da construção de objetos de papel que necessitam da ação do corpo para se tornarem tridimensionais. O origami aqui ultrapassa sua escala dimensional original, próxima ao tamanho da mão, para dialogar com o corpo - do performer e do espectador - e a arquitetura da cidade.

Esta ação pretende dialogar com o universo urbano se posicionando como contraponto a velocidade acelerada do cotidiano de uma capital. Segundo a tradição oriental, fazer origamis é uma forma de praticar meditação. Para além da relação de velocidade, o ato de desempenhar a dobradura no espaço urbano possibilita o acesso a um espectador acostumado a apresentações de rua provenientes da cultura popular.

Após o término da ação, o origami passa a fazer parte da paisagem da cidade até que ocorra a coleta de lixo ou a apropriação do objeto por algum coletor de materiais recicláveis.

CAMILA
BARRETO



ESTAMOS NOS LIBERTANDO DO HÁBITO
QUE TÍNHAMOS DE EXPLICAR TUDO

O Centro de Desintoxicação Midiática ou simplesmente C.D.M. é um grupo de pseudoartistas que desenvolvem um trabalho de caráter experimental ao não aceitar o senso comum e as imposições mercadológicas dos meios visuais com que trabalha.

O grupo propõe e realiza as chamadas Re-ações Públicas, que se constituem de colagens e interferências urbanas que utilizam meios gráficos, sonoros e eletrônicos.

Agregando conceitos de criação poética de cada um dos membros.

Estas ações são trabalhos que se inserem no tecido urbano, abstendo-se da dependência do convencional circuito artístico.

Atualmente integram o C.D.M. os designers Eduardo Silveira e Leonardo Furtado e o artista Ricardo Mello.

Em um mundo que se organiza cada vez mais em sintonia e dependência com a difusão e produção de imagens e informações, as mídias acabam por definir toda uma realidade coletiva.

Ao considerar tal panorama, a intervenção gráfica proposta é evidentemente deflagrada a partir dessa sintomática, instaurada pelo desenvolvimento dos meios audiovisuais e suas influências sobre os comportamentos.

Essa sintomática revela-se atualmente amplificada pela instalação de todo um mercado de percepção sintética – uma verdadeira avalanche cujo sujeito contemporâneo encontra-se imerso.

Nossa intenção, nesse sentido, é precisamente uma reciclagem das técnicas e artifícios da comunicação, uma vez que buscamos manipular suas linguagens ao avesso e valer-se de recursos deliberadamente precários, que tangem ao que se convencionou chamar de gambiarra.

C.D.M.
Pelotas RS
“ESTAMOS NOS LIBERTANDO DO HÁBITO
QUE TÍNHAMOS DE EXPLICAR TUDO”

Praça da Alfândega

CENTRO
DE
DESINTOXICAÇÃO
MIDIÁTICA

A COLA NÃO FAZ A COLAGEM. COISAS QUE ÍAMOS FAZER ESTÃO AGORA SENDO FEITAS POR OUTROS. QUANDO VOCÊ VAI SE DESPIR DE SUAS IDEIAS? NÃO TEMOS NADA A DIZER. E O ESTAMOS DIZENDO.

O Chicamatafumba, grupo de intervenções interurbanas, formado por Ana Paula Tomimori, Claudia Paim, Leandro Machado e Thaís Leite, que desde 2009, vem realizando intervenções no transporte coletivo da região metropolitana de Porto Alegre, já atuou também com convidados, como Ulises Ferretti em INUNDAÇÃO. Objetivo: capturar e mobilizar a atenção para interromper no outro o fluxo cotidiano.

chicamatafumba4.blogspot.com

Não se importando que a sexta-feira tivesse ficado para trás, seguiu a chuva a cair sobre a cidade ao longo de quase todo o dia de sábado. Foi com a lâmina d'água sobre o asfalto que os rastros dos pneus tornaram-se visíveis. Cascatinha, Lomba do Pinheiro, Campus Ipiranga, Trensurb. Centro, Periferia, Centro, Grande Porto Alegre, Centro. O coletivo do transporte público coletivo em seu movimento pendular.

Da pergunta original [que se fez do pecado original], sobre o que aconteceria quando o som das águas de uma praia migrasse [descontextualizado] para se fazer existir em um espaço outro – por exemplo, o do interior de um ônibus, também aquele dentro de um vagão de trem - povoado de pessoas e de seus próprios sons, não se tem notícias. Talvez a oferta da possibilidade de que as águas e as pessoas se misturassem ou enquanto em paralelo dialogassem - caudalosas, succulentas, cheias de barulho e silêncio.

Foi no encontro - percebendo e reconhecendo o ambiente que se modificava - que se fez a necessidade momentânea da busca pela prova, o elemento vestido de materialidade. À medida que as fontes sonoras - quatro tocadores de CDS portáteis [ocultos em sacolas] e um telefone celular, – iam sendo acionadas, uma após a outra, somando-se, fortalecendo-se, ampliou-se o registro da ação das águas da prainha de Belém Novo. Tornando-se viva a ideia imaginada de que a chuva estivesse a invadir o ônibus, por algum furo, fresta ou janela aberta. E teria ela tamanha fluidez, qual jorro de torneira esquecida, rompimento de tubulação.

Os passageiros que foram pegos, inundados, reagiram cada qual há seu tempo e maneira. Os olhares se puseram cobertos de desconfiança; fizeram-se giros de cabeça e tronco; pés abandonaram o piso - elevados para o alto como quem suspende os móveis da casa na tentativa de salvá-los do pior; vômito(?); costurados à riqueza das observações [“É um trem fantasma!”, “Trata-se de uma pesquisa de comportamento.”, “O som da água me faz relaxar.”].

Em determinado momento todos os aparelhos a reproduzirem ao mesmo tempo, o mesmo registro, ampliando, a ponto de encherem o espaço por completo. E na iminência de transbordar, um movimento inverso, delicado, fez com que o conteúdo do recipiente voltasse ao seu nível habitual. A enxurrada, assim como as pessoas [embarcam e desembarcam], chegou e se foi [levada por cada uma delas, no corpo, nas roupas, nos sapatos].

“ÁGUA DE BEBER, ÁGUA DE BEBER CAMARÁ.” Tom Jobim





Título: A PROCURA

Autor: Coletivo Curto-Circuito

Gênero da manifestação artística: Performance

Pesquisa, criação e realização: Coletivo Curto-Circuito

Produção executiva: Escola de Bens Imateriais

A ideia de pensar-realizar uma Performance móvel, relacional a partir de uma Situ-Ação Performativa instável, de um corpo situado em um lugar acionado ao acaso, surgiu sobre a reflexão do que vem a ser a vida diante da sobrevivência e vem apostando no encontro, não o encontro com a verdade, mas na verdade do encontro.

É preciso encontrar o paraíso, ir habitá-lo, conhecer o mundo dos instintos, o primitivo capaz de abalar a civilização. Traçar possíveis percursos de realizações heterotópicas – lugares em que acontecem utopias – sem começo nem fim.

Perseguir um percurso em busca de atingir uma finalidade. Querer o paraíso, buscando uma finalidade da qual sempre se desiste para experimentar trajetos inventados. A vida está em fazer acontecer no instante e não na utopia - precisa-se menos da utopia, da transcendentalidade cristã -, reinventada em heterotopia dos percursos. Revirar os instintos e a sociedade encontrando outros lugares, mesmo que sejam lugares sem nome.

Não é turismo, mas atitude de andarilho, errante, sem lugares pré-determinados para visitar, sem hora marcada para o retorno. Ir a determinados lugares, como andarilho é experiência heterotópica, um princípio relativo à época de dessacralização do espaço: não é aqui ou ali que a heterotopia se realiza, mas no percurso.

COLETIVO CURTO-CIRCUITO

COLETIVO CURTO-CIRCUITO

Fortaleza CE

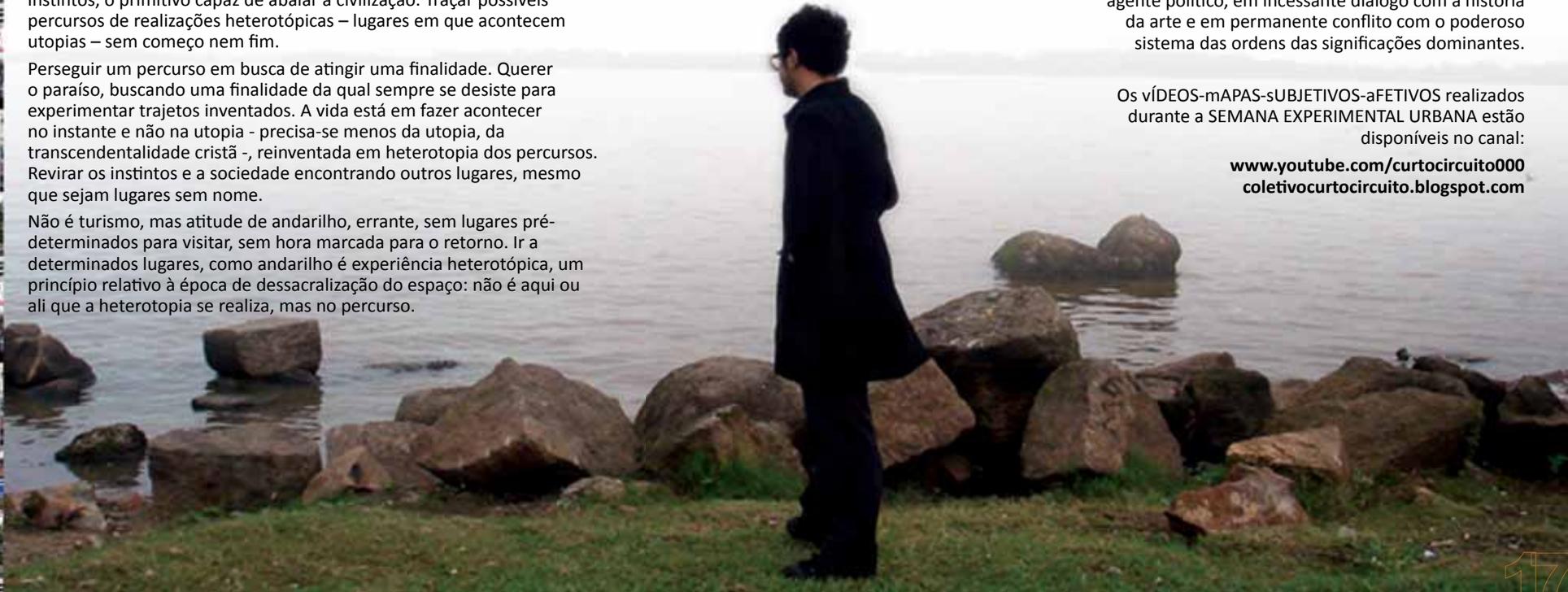
A PROCURA

derivas a partir da Praça da Matriz
sempre às 10h10 da manhã

O Coletivo Curto-Circuito foi formado em janeiro de 2005 e é composto por Airton Lima, David da Paz e Naiana Cabral. Focado na intersecção entre arte, filosofia, arquitetura, urbanismo, comunicação e sociologia, centrado nos movimentos de ruptura como a Contracultura, pensa o artista como um agente político, em incessante diálogo com a história da arte e em permanente conflito com o poderoso sistema das ordens das significações dominantes.

Os vídeos-mAPAS-SUBJETIVOS-aFETIVOS realizados durante a SEMANA EXPERIMENTAL URBANA estão disponíveis no canal:

www.youtube.com/curtocircuito000
coletivocurtocircuito.blogspot.com





COLETIVO

O Coletivo SD é constituído por artistas e produtores culturais que possuem como interesse comum a realização de propostas artísticas e curatoriais direcionadas a flexões poéticas do espaço e à formulação de possíveis formatos expositivos. Situa seu marco de origem na concepção da Sala Dobradiça, inicialmente configurada como uma proposta de espaço expositivo para trabalhos site specific, desenvolvendo-se gradualmente em um coletivo de ações em outros territórios.

Munido por um senso de construção coletiva, desenvolve as atividades em artes visuais no Macondo Coletivo, coletivo maior de artes integradas, ponto referencial sul do Circuito Fora do Eixo.

www.saladobradica.blogspot.com
www.macondocoletivo.com
www.foradoeixo.org.br

Itinerário SD 0.5 (SM-PoA) consiste em um plano seqüencial de intervenções artísticas e registros vídeo/fotográficos elaborado a partir de um objeto com estrutura montável, intitulado “SD 0.5”, em paisagens de interesse. Seu meio de produção não só compreende o espaço urbano de Porto Alegre como também envolve o percurso rumo à capital (BR 290), iniciado no município de Santa Maria. Tem como finalidade desenvolver uma prática artística transitante e complementar em diferentes territórios e panoramas.

Chegando em Porto Alegre, a atividade que estava prevista para o dia 20 à tarde não aconteceu devido à utilização da Praça onde estava prevista a ação com a veiculação do jogo do Brasil. No entanto, nessa noite foi proposta uma conversa entre todos os participantes do SEU, no QG da Travessa dos Venezianos, o que se tornou um momento interessante para conhecer os outros participantes da Semana Experimental, trocar experiências com outros coletivos de arte e discutir a participação destes em redes colaborativas que extrapolam o âmbito da arte.

O encontro com os outros participantes pode acontecer também no dia seguinte, devido à realização de intervenções concomitantes nas praças. Como várias ações estavam previstas para o Largo Glênio Peres - local onde a Sala Dobradiça permaneceu pela maior parte do tempo, na segunda-feira, dia 21 - as intervenções puderam interagir umas com as outras.

Compensando a não realização da atividade prevista no dia anterior, o dia 21 foi movimentado e a SD 0.5 pôde ocupar diversos espaços da cidade de Porto Alegre: Parque Farroupilha, Largo Glênio Peres, Praça XV, Praça da Alfândega e Cais do Porto.

Os registros estão disponibilizados para acesso em:

saladobradica.blogspot.com/2010/07/sala-dobradica-na-semana-experimental.html

COLETIVO SD
Santa Maria RS
ITINERÁRIO SD 0.5 (SM-PoA)
trajeto rodviário BR 290
Centro de Porto Alegre e Parque Farroupilha



DES VENDANDO CORES SOBRE “o passar em branco – poemas urbanos”.

21 de junho de 2010

As passagens “em branco” tiveram início em 2002, em Berlin, e dali seguiram, desdobrando-se por territórios urbanos. Não ousava imaginá-las em cor. E deixarei que assim permaneçam: o passar será sempre em branco!

Entretanto, este momento – corpo, cidade e SEU – me levou a sonhar cores. A cor de vestir o instante de um corpo/cidade. E o primeiro instante fez-se vermelho de encarnar tempo e lugar.

Inicialmente, imaginei quadros ativos, ações embrulhadas em monocromático momento. Tinha receios! Os brancos me pareciam revoltados, diante da perspectiva de me envolver com encarnados.

Levando esta bagagem, em sensação e cor, fui para as ruas.

Meu primeiro momento coincidiu com o último passar em branco, em abril deste mesmo ano, sobre os pequenos cimentos em frente ao Mercado Público. Ali, o público é o melhor do instante. Aliás, nas ruas, os corpos humanos

são a matéria mais preciosa da performance. A riqueza é deles; de minha parte, apenas confirmo a pobreza das paredes de meus isolamentos.

Todas as previsões de cena se diluíram. A alma dos tecidos brancos animou-se com força ainda maior em lentidão e tato. Sentia-me em estado de receio que se estabeleceu sobre o instante como freio. Os freios de um território compartilhado.

O engraxate Azul ficou ao redor hipnotizado. Os corpos fecharam o cerco, como em branco nunca o fizeram. Fascínio encarnado, excitação da cor? O entorno ativo, contrastando com a contemplação aberta pelos brancos provocada. As pessoas, o maior encanto deste ato. O tanto que me tocam com seus olhos e peles escancarados.

O homem que fala com Camila. As considerações que faz. A menina que repete a palavra indecifrável, que se aproxima ao final a observar meus olhos e duvidar da veracidade de sua cor. Os tantos olhos fixos, suas faces que me fascinam em enigma.

O moleque que me aborda e entra em cena. O homem e seu murmúrio que me acolhe ao dizer: que satisfação! Satisfação a minha de ali estar, em corpo inteiro, neste lugar de tantas fugas.

DORNELLES

Na esquina democrática, o ambiente faz-se tenso. A democracia, como a fazemos, parece-me tensa. O demo espaço/tempo onde todos ditam suas ordens. A tudocracia da quietude e do recuo muito mais me anima, em sua postura da política de ninguém e por todos. Ali, na esquina, o ambientalista esbravejou meu não-direito de vestir a árvore. Eu estaria maltratando o ambiente: disse a ele que fosse cuidar dos reais maus tratos, especialmente os administrativos. A moça de cor morena me deu aval: “É bom. Assim, vestidas, são vistas as árvores que ninguém mais vê.” O paisagismo daquele senhor desejava minha ausência. Desafiei seu desejo e segui, a encarnar a paisagem.

A homarada ria nervosa. E eu seguia, em carícias encarnadas! Permeando os risos, o ato em discussão. Vermelha, revoltada, aos olhos deles, sou protesto não identificado.

Borges acima, viaduto de arquitetura preciosa revestida em excrementos. A esquina das frutas que tantas vezes encontrei. Escorrego em paz! Ao final da murada, uma mão me espera. Toco-a, e a emoção faz sorrir o homem magro, pés quase descalços, boca quase sem dentes. Olha-me e aplaude. Quer uma foto, está feliz e encantado. Por muitos anos,

foi bombeiro. Hoje, cuida da pedra do rio, atrás do Gasômetro, para evitar que tomem banho. Tira do interior da jaqueta um álbum de fotos, registros de vida: o bombeiro, a pedra do rio, a história de um corpo errante. Selamos o compromisso de um encontro, em julho, na pedra do rio.

Sigo o fluxo, pelas vias da cidade em trânsito, até o QG da Venezianos. Não tenho a paz que o branco sempre traz. A cor! O que é um corpo que troca de cor? O que é o lugar em outras vestes? Sei que o abandono temporário dos brancos é simples voz de um desafio que acena. Nesta tarde, fez-se o pacto que me levará por outras buscas de tatuar epidermes de cimento em cidade. A cor... Vestirei as primárias, em insistentes anos de escutar quadros urbanos, em tempos talhados nas visões dos contos de tecer histórias de uma fada Cidade!

FLORES URBANAS ESTUDOS DO CORPO EM ARTE E HUMANISMO
floresurbanas.blogspot.com
picasaweb.google.de/frank.jeske

IMAGENS
Frank Jeske

DAGGI DORNELLES

São Leopoldo RS

COR VESTE CIDADE

NÃO SEI SE OUÇO QUADROS, OU VEJO CONTOS...

Largo Glênio Peres, Esquina Democrática
e Viaduto da Borges de Medeiros

O SAIA SEU é uma performance interativa que nasce da experiência do grupo com dinâmicas abertas e lúdicas.

A performance consiste em performers que usam uma saia/traje com diversos bolsos, onde sugestões de performances são colocadas e retiradas, podendo ser sugeridas ou executadas por qualquer pessoa que o deseje. O SAIA SEU seria assim um propositos de performances ou ações que não mais pertencem ao EIA ou ao SEU, mas a soma de todos os vetores envolvidos: participantes, espectadores e integrantes do SEU.

O EIA - Experiência Imersiva Ambiental, é um grupo que trabalha mapeando, reunindo, promovendo, viabilizando e propondo ações que têm como denominador comum o espaço da rua. Desde 2004, organiza um encontro anual de abrangência nacional recebendo e realizando propostas de arte pública enviadas por artistas de diversas localidades do Brasil e pelos próprios integrantes do grupo. A ideia é reunir artistas em um intenso intercâmbio cultural, tendo em vista que nossa prática tem como fonte de pesquisa e foco de atuação o espaço público, com o objetivo de torná-lo um espaço de convívio ativo e questionador. Foram realizados festivais em 2004, 2005, 2006 e 2008.

**EIA - EXPERIÊNCIA
IMERSIVA AMBIENTAL**
São Paulo SP
SAIA SEU
em todos os lugares
mapeados pelo SEU

mapeia.wordpress.com
eia05.zip.net
mapeia.blogspot.com



FERNANDA MANÉA
Porto Alegre RS
INTERVENÇÃO NA FACHADA
AZUL GALERIA

Praça Marquesa de Sevigne

A troca no momento da ação é mágica porque permite o autor perceber se o trabalho funciona e como funciona. No dia da intervenção ouvi “as mãos estão dançando!” e adorei, porque além de confirmar que era compreensível - o que estava querendo comunicar -, vi transeuntes se posicionando para fotografar no mesmo ângulo para o qual direcionei o trabalho, que ganhou novos significados.

“A mão é a antena do mundo. O olho do cego”, Beto Mattos, produtor de cinema que esteve compartilhando e participando da intervenção.

Desenhos originais realizados especialmente para o site-specific “Fachada da Azul Galeria”, instigando o olhar atento dos transeuntes do centro da cidade.

FERNANDA MANÉA

IMAGENS
Gaby Benedyct

PSY-SOMA reflete sobre “a cidade e seus escombros” - o descaso político, a alienação pelo consumo, a manipulação subjetiva e a anestesia psicossocial. Ao trazer “personas” da urbanidade e o deslocamento de detritos da realidade cotidiana, no que tange à exclusão social, construção de identidade e simulacros e tecnologias de poder, discute temas tabus, nunca discutidos às claras por um homem idealizado e asséptico, como a sujeição e os processos de subjetivação, a produção de informação e a construção do “senso crítico” por meio da reificação das relações humanas determinadas por uma economia mercantil. Nessa atual sociedade, a forma-mercadoria se tornou preponderante sobre o todo da vida social, intensificando a coisificação do homem.

São territórios físicos, filosóficos, sociais e políticos, cheios de significação e, que neste caso, são como diferentes eixos corporais que olham para o passado, presente e futuro, e comunicam ao corpo e à consciência, um apertar na Arte desse “Estado de Alerta”.

As performances de rua são como um prolongamento “não-linear” e procuram pela construção da identidade deste “agente ficcional” em ressonância com suas alteridades: a reconstrução simbólica de si mesmo. Estabelecer novas formas de relacionar o corpo, a obra e o espaço com o tema referido, permitem gerir e gerar potencialidades e conexões à deriva, na incerteza do instante. Nestes percursos, o “agente ficcional” estabelece suas ações, criando visões poéticas entre rupturas da realidade do cotidiano.

Pressuponho assim, que o trabalho seja considerado polissêmico numa concepção de cena que se constitui no “agora”, na pluralidade de seus elementos, na simultaneidade das ações e no seu valor performático. Estética e num modo de trabalho que prevê a construção e a desconstrução constantes, na multiplicidade de pontos de observação.

Ao longo dos anos, aprofundo a pesquisa sobre a construção/ocupação do espaço público por meio de partituras poético-visuais, onde a ação acontece no conflito e na relação entre espaço, intérprete e público. Através do ato artístico, busco construir imagens de sensibilização para reativação subjetiva. Resiliência criativa defronte a irreversibilidade das ações humana.

inverno 2010, Porto Paulo São Alegre
in memória de minha mãe

www.georgesander.multiply.com

GEORGE SANDER

Resende RJ

PSY-SOMA

baixos do Viaduto da Borges de Medeiros

Em PSY_SOMA, proponho tornar-me uma marionete de manipulação. No local da ação, o “agente ficcional” prende-se com fitas zebraadas de sinalização que descem do viaduto da Borges de Medeiros., e, numa “dança-limiar” de aprisionamento e/ou manipulação, executa sua “coreografia de sujeito” em plena hora do “rush”.

**ISTO É APENAS UMA
MULHER OU
SOBRE EXPERIÊNCIAS DE
NÃO-INTERAÇÃO
NA CAPITAL GAÚCHA**

Ao decidir inscrever ISTO É APENAS UMA MULHER no SEU, estava motivada não apenas pela vontade de colocar meu trabalho novamente na rua mas, sobretudo, porque foi em Porto Alegre que as primeiras ideias para a realização da intervenção surgiram. No início de 2009, em residência artística no Ponto de Cultura Maria Mulher, desenvolvi a vídeodança Mulheres de Magritte, que aborda questões como feminino, identidade e relação a partir de vivências de mulheres gaúchas e tendo a dança contemporânea como suporte artístico. Levar a persona da mulher de rosto coberto por um pano branco para as ruas de POA seria então como completar o círculo que começara a traçar no trabalho anterior. Os dias muuuuuuuuuuito frios que fizeram durante o SEU, assim como as chuvas, atrasaram um pouco a primeira saída da intervenção, de maneira que tive tempo de ouvir relatos dos artistas participantes sobre suas ações nas ruas de Porto Alegre, marcadas por ações e reações tão diversas quanto instigantes. Então, quando agendamos minha intervenção para a Redenção num início de tarde, previ um tipo de comportamento dos observadores que se assemelhasse às já relatadas. No entanto, eu, que havia imaginado tantas possíveis reações dos observadores gaúchos, não poderia prever o que de fato aconteceu: um banho de frieza e discreta rejeição àquela inusitada presença de uma mulher com sua identidade anulada.

As pessoas simplesmente NÃO cederam à curiosidade e ao contato proposto pelo trabalho. Situação que talvez tenha me causado mais surpresa do que as incessantes perguntas, invasão de meu espaço e mesmo agressões que eu já tinha vivenciado ao realizar esse trabalho em outras cidades.

(...)

ISABELA SILVEIRA

Salvador BA

ISTO É APENAS UMA MULHER

Parque da Redenção

Se eu pensar que colocar-me em desequilíbrio e remexer meus refúgios de comodidade artística é, em meus trabalhos autorais, um foco real de interesse, acho que alcancei o que queria. Afinal de contas, eu, moça-baiana-vinda-de-terras-de-calor-e-de-interação, voltei para casa com uma real vivência de invisibilidade, potente e valiosa como tudo que coloca nossas certezas em dúvida. Porque, se fosse para manter o controle, eu jamais teria escolhido a rua como lugar poético para uma intervenção que começa numa afirmação e termina, a cada vez, em lugar tão quanto desafiador quanto imprevisível.

ISA
BET
SILVEIRA

**IZIDORIO
CAVALCANTI**

Recife PE

**SAGRADO
CORÇÃO
DE IZIDORIO
CAVALCANTI**

**saída Travessa dos
Venezianos
chegada Catedral
Metropolitana**

É sabido que a contemporaneidade na arte pode ser entendida a partir de suas várias manifestações e também por um contexto histórico permeado de descobertas, pesquisas e experimentações onde a arte dita tradicional dá lugar a novas designações: a arte conceitual, a instalação, a arte povera, anti-forma, land art, arte ambiental, body art, entre outras. Em **SAGRADO CORÇÃO DE IZIDORIO CAVALCANTI**, caminho descalço por 45 minutos em direção a igrejas previamente escolhidas. O objetivo é chegar até o altar de cada uma, para ser fotografado na mesma posição do sagrado coração de Jesus.

www.izidoriocavalcanti.com.br

**IZIDORIO
CAVALCANTI**



Julio Leite realiza uma particular oferenda pictórica em termos desmitificadores de essência metalinguística. A ascética homenagem feita com as cores, azul, vermelho, verde ou amarelo apresenta uma chave magritiana, na qual a representação da mensagem a invalida em seu ditado, em favor do sublinhado. O texto, sucinto, se faz imagem e lê a tela, seu espaço, tanto interno como externo. Pois a dimensão destas pinturas quase avisos (quase outdoor), assim como seu destino urbano ou público (tapumes ou qualquer lambe-lambe), multiplica os sentidos deste jogo na sua apresentação no espaço carimbado de galeria. Faz passar um valor de equilíbrio entre a ausência e a presença, traçando umas letras-cores entre o visível e o invisível. Ja esta última palavra é negada em parte ou sublinhada em outra direção, no sentido de que se trabalha com a latência visual das coisas. GUILHERME BUENO - Professor doutor da Escola de Belas Artes da UFRJ

Com inteligente uso de relações entre significado e significante, Julio Leite escreve o nome das cores com cor diversa do que corresponde. Lilás pode ser escrito em vermelho sobre fundo verde. A correspondência truncada entre nome e coisa aponta o caminho de Julio na direção da teoria de Wittgenstein como relação conceitual. PAULO HERKENHOFF - Crítico de Arte



JULIO LEITE
Campina Grande PB
CROMA
Praça da Alfândega

Obra de poesia visual que explora a metalinguística em relação ao tema proposto. A forma escrita de homenagear o azul, o amarelo, o verde, o lilás, o vermelho é sempre composta por duas cores (fundo-frase) que são distintas das que são representadas no enunciado.





Há muito tempo em Porto Alegre existiam pichações com frases estranhas e poéticas dotadas de uma sabedoria “urbana” e que machucavam minha imaginação com imagens tenebrosas. Em algum momento, no começo dos anos 80, eu observava pichações nas principais avenidas da zona norte: Benjamin Constant, São João, Volta do Guerino, Assis Brasil, IAPI. Uma das frases mais impactantes que vi pichada pela região do IAPI foi: “Dê AIDS para o seu filho! Antes que algum traficante o faça!”.

Na época, a AIDS assustava muito, mas, se fosse hoje, provavelmente essa palavra AIDS seria trocada pela palavra CRACK. É uma ironia e um grande deboche das autoridades, que perde toda a sua carga diante da indiferença completa por parte das autoridades e aí sobra apenas uma frase engraçadinha. Aquilo que seria uma expressão de desespero, um grito de socorro, agora fica disperso na multidão, na maldita multidão fria como um cadáver nada sorridente, agora ecoa perdido na lembrança de alguns poucos observadores.

O tempo, a época muda os valores? Disso não tenho dúvida, muda realmente! No entanto, eu não sou como o tempo, eu não mudo meus valores, na verdade, eles são as minhas convicções. No século passado a sabedoria popular produziu uma pérola de adágio, o seguinte: “Devo! Não nego! Pago quando puder!”. Notei que os valores mudaram quando encontrei a resposta, que é: “Devo! Não pago! Nego enquanto puder!”.

Mais um reflexo dos tempos, uma decepção para mim. Entretanto, devemos considerar que uma de minhas convicções é de que o ser humano é um ladrão por natureza, ou seja, basta constituir uma matéria orgânica que ocupe determinado espaço, isso é uma subtração de espaço. Além disso, o dito “ser humano” está aí para consumir, explorar, transformar, manipular, ameaçar, enquanto existe ameaça à própria existência.

LEOPOLDO KUNRATH

Porto Alegre RS

DesAPARECIDO

esquina da rua dos Andradas com rua Gen. Câmara

Então, quando realizei a ação na Rua dos Andradas esquina com a Rua General Câmara e, ali no coração da cidade por onde passaram milhares de pessoas ao longo dos anos, onde existem três palmeiras, três postes de bandeira e uma pedra com aproximadamente 1,20 cm de altura, é bem provável que daqui a 50 anos o local permanecerá do mesmo modo que esta hoje.

Neste local emblemático, nesse local de passagem e testemunha ocular dos tempos, instalei placas com frases em um nível médio de provocação. Alguns transeuntes pararam para observar, outros ainda tiraram fotos, mas de centenas de pessoas, apenas uma senhora perguntou do que se tratava, e eu respondi:

—é Poesia Popular DesAparecida!

—Ah! Então, está bem!, respondeu a senhora conformada.

Percebi que seria necessário um nível mais alto de provocação, dos meus atos cirúrgicos, para cutucar a multidão, estava eu iludido quando saquei um spray para pintar a pedra e pensei: agora alguém vai falar alguma coisa! Bem, o diálogo ficou entre a pedra e o tempo, talvez daqui a alguns anos alguém pergunte o que significa isso?

Quando as pessoas não entendem uma explicação complexa, elas preferem ficar sem explicação alguma e propor a própria argumentação, e assim conseguem inclusive transformar em “verdade” as suas fantasias. A proposta do meu trabalho é fazer as pessoas encontrarem algo para exercitar a imaginação e aceitar isso como algo naturalmente real e concreto, para isso, eu faço uso da verossimilhança na tentativa de realçar novos conceitos.

POESIA POPULAR DesAPARECIDA



LETÍCIA RAMOS

São Paulo SP

EIXO Z

Rua Gonçalo de Carvalho

LETÍCIA RAMOS

EIXO Z é um projeto de “instalação pública” de construção de um periscópio na Rua Gonçalo de Carvalho. Este aparelho de observação permitirá ao pedestre transferir o eixo do seu olhar para acima das copas das árvores e ver o túnel verde a partir de uma outra perspectiva.

A rua Gonçalo de Cavalho foi declarada em 2006 pelo município como “Patrimônio Histórico, Cultural, Ecológico e Ambiental de Porto Alegre”. Entretanto, a contemplação da espetacular vista formada pela agregação das copas das árvores só é permitida aos moradores e usuários de prédios particulares. EIXO Z pretende democratizar o acesso a esta vista, por meio da utilização de um aparelho óptico de simples confecção.

O periscópio é um acessório de observação mais conhecido pela sua utilização em submarinos para permitir a visão acima da água. O simples aparato utiliza dois espelhos paralelos a 45º a uma certa distância um do outro. Os raios luminosos que atingem o primeiro espelho são refletidos para o segundo espelho, e novamente refletidos para o visor, desenhando um trajeto com a forma aproximada da letra “Z” e possibilitando a observação do que estaria fora do alcance da visão.

O “aparelho” foi acoplado a um poste já existente e é formado por duas estruturas principais: uma câmera de vigilância e um periscópio. As duas peças são conectadas por um cabo de vídeo.

ARTE, POLÍTICA, TEIMOSIA E UMA CHUVA CU

Nesta primeira edição em Porto Alegre, a campanha de desativismo político encontrou um forte contratempo: o frio úmido e gélido dos pampas.

O inverno, em uma atitude deveras suspeita (visto suas claras intenções políticas), impediu a plena adesão dos gaúchos à ação artística. No entanto, os poucos que se arriscaram junto a grávida gripada àquela noite desauspiciosa, fervorosamente VESTIRAM A CAMISA (impossível poupar esse trocadilho). Setor comerciário, aposentados, hiphopers (sic), artistas desencanados, artistas trabalhadores, a classe bancária, catatores de lixo associados e inclusive farmacêuticos fizeram questão de firmar parceria com esse importante evento da sociedade contemporânea.

Senhores, senhoras, um momento dramático nas intervenções artísticas da cidade.

LIA LETÍCIA

Porto Alegre RS
VENDO MEU VOTO:
TRATAR AQUI
Esquina Democrática

Bottons, outdoors, bonés, chaveirinhos, santinhos. A cultura para massas tem talento para se reproduzir. Imprensa, livros, folhetins, fotografia, manifestos.

A t-shirt aparece no pop americano como uma peça de vestuário que agrega ao usuário bem mais que moda: por meio dela, muitas discussões comportamentais e políticas foram travadas. A camiseta é veículo (literalmente, pois sempre caminha junto com seu portador) de comunicação e expressão, dos anos 60 até hoje. Como arte, protesto, moda ou panfletagem descarada. Shape, venda, humor.

A ação pública VENDO MEU VOTO: TRATAR AQUI, brinca com estes chavões. Possibilita algumas leituras, desde protesto contra corrupção ou algo que o valha, até simplesmente gozação. Formalmente utiliza suporte e meios de comunicação de massa: a camiseta e a serigrafia. Ironicamente a ação não unifica, mas diferencia os usuários, pois cada um tem um motivo diferente para veiculá-la.

A ação foi criada em 2004, em Olinda/PE, quando foram distribuídas 100 camisetas serigrafadas no dia das eleições para governador e prefeito. Em 2006 participou da Semana de Artes Visuais do Recife (SPA), com serigrafia ao vivo e gratuita.

A ação consiste na distribuição de 50 camisetas com a estampa VENDO MEU VOTO: TRATAR AQUI, em um estande colocado na Esquina Democrática.

vendomeuvototratar aqui.blogspot.com



LOURIVAL CUQUINHA

São Paulo SP

IMAGE OFF

Mercado Público

Possibilidade de não doar sua imagem identificável às câmeras de segurança. Você pode usar a os preservadores de rosto (ou máscaras) pendurados nas câmeras e passar tranquilamente no campo de visão delas. Deixando as máscaras logo em seguida no ganquinho para que outro transeunte possa fazer o mesmo e assegurar a prosperidade da ação.

Image ON (+) / Image OFF (-)

Por que sua imagem é dada?

Por que as câmeras podem reconhecer você?

Quantas imagens de você existem no mundo?

<http://www.youtube.com/lourivalcuquinha#p/u>

LOURIVAL
CUQUINHA

ALGUNS REGISTROS DA EXPERIÊNCIA 1:1 VERSÃO AMARELO_SEU - Semana Experimental Urbana

Segunda-feira, 20h02

Quando David desvestiu o **Conector Amarelo**, eu me vi só.

Divorciada foi a palavra usada por Milena em seu registro ao se referir sobre o momento da separação entre nós. A ligação estabelecida pelo **Conector** fora desfeita para dar espaço a outro que participaria da experiência.

Pausa para uma pequena solidão.

Não haveria outro corpo para vestir o **Conector** comigo. Era sensação de vazio. Espaço para a memória do outro: das proximidades e distanciamentos, das negociações e proposições. Tornou-se em Situação-Obra. Intervalo calado. A escrita é, por hora, a cordura de algumas das imagens captadas por minha câmera fotográfica que pouco podem traduzir o que foi vivido através. Escolho fazer um breve relato. Elaborei algumas das notas feitas durante o trabalho num pequeno caderno que carregava comigo.

Vânia, a primeira a disparar a relação compartilhada, explodiu em alegria. Dançou. Para mim era forma sem a necessidade de ensinar regras, como uma semelhante sensação de mãe ao ouvir a primeira palavra falada de seu filho. O **Conector Amarelo** ganhava vida. Fez-se livre a experimentação. Era um misto de intimidade e exposição. Em Porto Alegre, foram: Vânia, Manuela, Guilherme, Ari, Ronaldo, Marcela, Milena, David, Zé, Nicolas, Andréa, Lourival, Rodrigo, Ana, Flor, Abel, Wolder, outros e tantos outros entre todos.

No projeto: um encontro entre proponente e participante através de uma experiência. **Conector Amarelo** é objeto feito de cetim. Objeto criador de situação, proponente de relações: danças, conversas, olhares, perguntas, histórias, música, proximidades, afetos, brincadeiras, outras tantas. Investigação performática em que a interação entre sujeitos propicia Situação-Obra como uma Situação-Vida entre vidas -> Uma possibilidade de relação entre sujeitos.

O Amarelo pôs-me em desconforto e em estado de atenção. Era somente vestir o outro que o **Conector** iluminava a cumplicidade íntima de um casal espontâneo, instigando olhares a volta de um por vir. Envolvida pelo **Conector**, queria expandir, queria propor ao outro a co-criação.

A situação, para mim, possibilitava a construção de espaço ficcional em ambiente aberto. Uma nesga fantasiosa que se abria no cotidiano: uma imagem de duas pessoas ligadas pela cor amarela.

Seria possível, em nossa passagem, imantar ou tencionar a própria cidade? A cor travestida ao menos gerou curiosidade. Palavra ou olhares, e pra quê?

Sujeito/sujeito e cada qual com alguma vontade. Eram sujeitos propositores de diálogo interno. Uma conexão em que a experiência é o encontro. Buscar em si o outro para se tornar um eu a partir de uma relação com o outro. Afinal, o que se pode quando um está ao lado de outro?

Segunda-feira, 15h34

Guilherme, 25 anos, morador das ruas próximas ao Mercado Municipal, pensando ser teatro perguntou o horário do início da peça. Tão logo, soube que sua presença era início de coisa qualquer. Provavelmente não sabia o que disso esperar, e ficou entusiasmado quando recebeu de Manuela o **Conector**. Ele estranhava e perguntava o que acontecia, e assim percebeu que outras intervenções nos cercavam, éramos uma delas. Estávamos no Largo Glênio Peres, onde cotidianamente havia manifestações diversas e, nesse dia, as outras proposições do SEU se sobrepunham ao cenário conhecido. Estava interessado no **Conector Amarelo**. A conversa seguiu para sua vivência com a rua. Os companheiros de Guilherme se aproximaram, e um longo bate papo sobre todos eles se estabeleceu. Queriam ser ouvidos, falar de seus feitos: uma banda de rock, ou um grupo de dança hiphop ou de teatro, família, filhos, dificuldades da vida. Queriam falar dela: vida!



MAÍRA VAZ VALENTE
São Paulo SP

1:1 VERSÃO AMARELO

Ari, um senhor de quase 70 anos de idade, esticou os ouvidos em nossa conversa, perguntou o motivo das vestes. A roda se dissipou e Ari insistia que aquilo seria uma fantasia, pois justificava: “não é roupa de costume”. A dança reapareceu. O jovem e o velho gostavam de dançar: Hiphop e tango. O primeiro se dedicou até se machucar e o outro, dizia que há dez anos entrava no salão com a mesma parceira criando suas coreografias. Guilherme se impressionou, porque não sabia que poderia criar dançando. O menino encantou-se com o velho e eu, ainda junto permaneci invisível. **Conector Amarelo** tornara-me em uma intersecção de realidades.

Marcela, a minha companhia mais duradoura daquelas primeiras horas de um ambicioso projeto. Levou-me para passear pela cidade. Tomamos um café. Seguimos para o Viaduto Borges de Medeiros. Assistiríamos a PSY-SOMA de George Sander. Encontramos Milena e David. Marcela se despediu. Milena pediu para vestir. E depois, já com David, correremos os corredores do viaduto abaixo. [uma pausa], escrevi em meu caderno e antes de partir. Zé se encorajou. Caminhamos e nos juntamos aos outros propositores do SEU em direção a Cidade Baixa, Travessa dos Venezianos. Zé arriscou e o **Conector Amarelo** virou samba, tornou-se dança!

Terça-feira 22 de junho de 2010, 15h31.

Após 12 horas, a experiência já criava um extenso campo de possibilidades. A potência daquele objeto mole se revelava – ao menos para mim. Chamado de roupa-fantasia, aproximado à Capa Parangolé de Helio Oiticica. Percebia que muitas das experiências criadas, tidas ou descobertas, performavam a memória dos que se vestiram com o **Conector**. Poderia anunciar uma criação em movimento. Instalação de processos transformadores conjugados em experiência qualquer de um cotidiano compartilhado.

Quarta-feira, 23 de junho, 19h27

Desgrudei-me do objeto. 1:1 ganhou autonomia. Outros casais foram convidados a vestirem o trabalho, afastei-me. O intento se mantinha na medida que cada par propunha uma conexão, uma forma de uso do **Conector**. Para mim, esse momento era como estar com o outro em prolongamento. 1:1 VERSÃO AMARELO é obra de arte disfarçada de brincadeira, de risada, de encontro de coisa qualquer. A proposição performática acontecia na existência com o outro, sem curso determinado, nem nomenclatura pré-estabelecida de um agora em transformação.

Quinta-feira, 24 de junho, 2h03

O objeto se apoderou de corpos. Sujeitou situação. Proponentes e participantes ou participantes-proponentes de espaços entre espaços. O encontro através do **Conector Amarelo** é ponto central de uma transitória possibilidade poética.

ENTREVISTAS SOBRE COMO O MUNDO COMEÇOU:

Usar uma câmera digital simples de uso corrente, e até um pouco obsoleta, em primeiro lugar por seu fácil manuseio e transporte, e em segundo por não intimidar as pessoas.

Filmar cada pessoa por 30 segundos (a capacidade máxima da câmera para cada vídeo) e mostrar o vídeo para a pessoa seguinte, que pode dar continuidade à história ou começar outra.

Reunir esses pequenos mundos em vídeo no retorno à Salvador.

www.dia32.blogspot.com

MILENA DURANTE

Salvador BA

COMO COMEÇOU O MUNDO?

em todos os lugares mapeados pelo SEU





O Projeto Cérbero é um grupo aberto que desenvolve um programa de experimentação de linguagem multidisciplinar. O programa que o grupo se propõe a desenvolver é a realização periódica (uma ação por mês) de ações improvisadas na rua e que são filmadas sempre por três câmeras. Faz parte também desse programa o pensamento sobre a captação, a edição e finalização do material filmado.

As ações são realizadas a partir de proposições que abrem um campo de referência para a improvisação dos atores e atuadores, essas proposições podem incorporar elementos de diversas linguagens artísticas, teatro, performance, dança, artes plásticas e música, no entanto, no jogo de improvisação essas linguagens dificilmente se fixam, elas se tornam um campo de agenciamento e encontro com os transeuntes e habitantes da rua.

O núcleo de criação e produção é formado por atores, artistas de vídeo, artistas plásticos, economistas e teóricos. Apesar de ter um núcleo fixo, o grupo trabalha sempre por meio de parcerias e se abre a todos que queiram participar. Esse é um dos objetivos e diferenciais do grupo: estar sempre em diálogo com outros artistas, grupos e pessoas interessadas no trabalho, e a vontade de ampliar essa rede.

Esse movimento não se identifica mais com a ideia de formação de público, mas principalmente da formação de uma rede de colaboração. Essa ideia de “grupo aberto” vai além: durante as ações nas ruas, os próprios transeuntes são incorporados ao trabalho.

www.projetcerbero.com.br

PROJETO CÉRBERO

Rio de Janeiro RJ

AVES DANINHAS

Pontos boêmios da Cidade Baixa

Projeção da experiência no

QG da Travessa dos Venezianos

PROJETO CÉRBERO

O Projeto Cérbero se propõe a realizar um Remake Cérberiano de um filme pouco conhecido de Elaine May, Mikey and Nicky (1976), onde John Cassavetes atua. Nesse filme, dois amigos mafiosos que se conhecem desde a adolescência, recebem ordens de cima: devem matar um ao outro ao amanhecer. Então, antes do sol nascer, os dois saem de bar em bar se envolvendo com a fauna noturna de NY em sua última noitada juntos. Já quando o sol raia...

BANG!

A proposta é contar essa história realizando um circuito noturno pelos pontos boêmios de Porto Alegre. Numa jornada iniciada meia noite e terminada às 6 horas da manhã.



TEATRO PORCOS COM ASAS

Porto Alegre RS

ENGESSAMENTO DE FANDO E LIS

Praça Brigadeiro Sampaio

Percorrendo ruas, Fando e Lis buscam estar incessantemente, em uma relação que vai desde o mais puro amor, até as doenças que este pode causar.

O Teatro Porcos com Asas criou o espetáculo "Fando e Lis", da obra de Fernando Arrabal, utilizando-se também de performance urbana como uma oportunidade de redimensionar os personagens, a partir da relação com o meio urbano. Nessa intervenção, começando como uma simples brincadeira, o casal acaba por assumir um jogo onde se sufocam pelo engessamento de seus corpos.

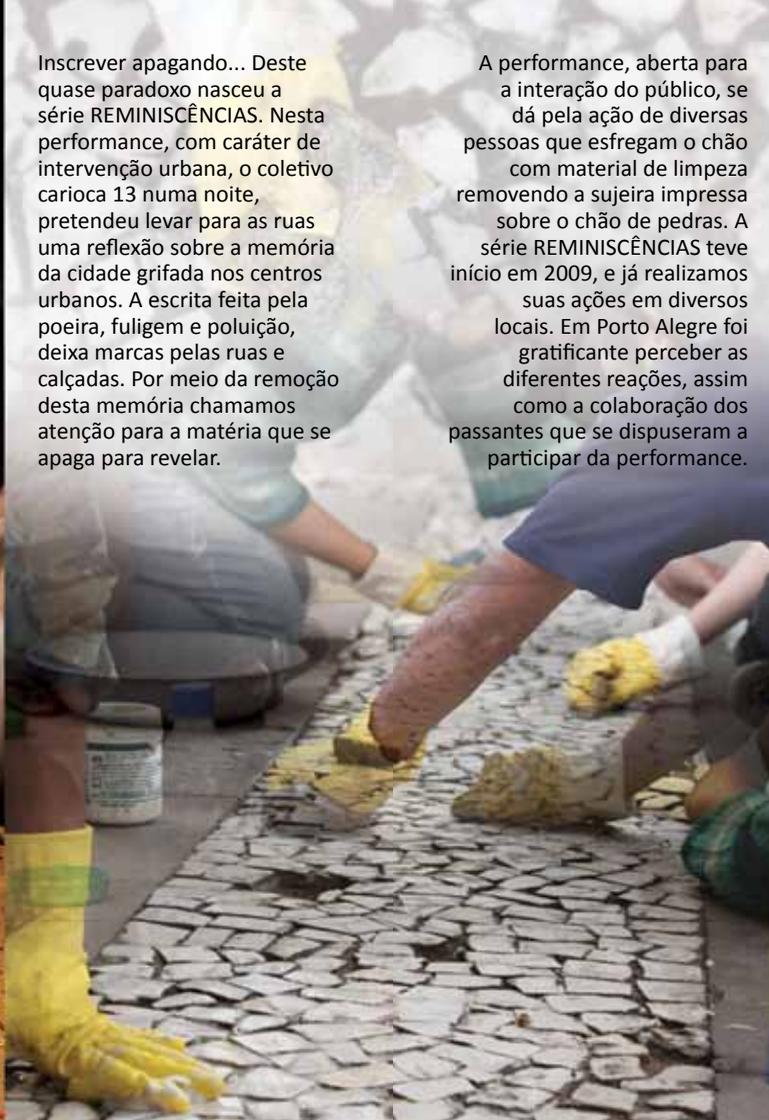
TEATRO PORCOS COM ASAS

SAMBA DOS FEIJÕES é um processo de sementeira em que pessoas chacoalham, em sua espontaneidade individual, diferentes tipos de feijões. As ações de cada indivíduo, somadas, reverberam gerando uma massa sonora.

A experiência coletiva de sacudir, batucar feijões dentro de bacias, criando sons e ritmos, reverberou em um somatório destes movimentos individuais. O caldinho de feijão oferecido após o chacoalhar dos grãos, é um modo de acolher, de unir as pessoas em torno de um mesmo propósito, o que contribuiu, no QG do SEU, para o estreitamento dos laços entre os presentes, revelando o espaço coletivo como local de troca e convivência.



Inscrever apagando... Deste quase paradoxo nasceu a série REMINISCÊNCIAS. Nesta performance, com caráter de intervenção urbana, o coletivo carioca 13 numa noite, pretendeu levar para as ruas uma reflexão sobre a memória da cidade grifada nos centros urbanos. A escrita feita pela poeira, fuligem e poluição, deixa marcas pelas ruas e calçadas. Por meio da remoção desta memória chamamos atenção para a matéria que se apaga para revelar.



A performance, aberta para a interação do público, se dá pela ação de diversas pessoas que esfregam o chão com material de limpeza removendo a sujeira impressa sobre o chão de pedras. A série REMINISCÊNCIAS teve início em 2009, e já realizamos suas ações em diversos locais. Em Porto Alegre foi gratificante perceber as diferentes reações, assim como a colaboração dos passantes que se dispuseram a participar da performance.

TREZE NUMA NOITE

Rio de Janeiro RJ

SAMBA DOS FEIJÕES

QG da Travessa dos Venezianos

REMINISCÊNCIAS

Largo Glênio Peres

CABO DE FORÇA

margens do Rio Guaíba

TREZE NUMA NOITE

O coletivo carioca 13 numa noite atua desde 2006 na pesquisa e realização de performances, intervenções urbanas, vídeos, bem como produzindo e apoiando artistas e eventos. O 13 numa noite aborda diversas linguagens, tendo como proposta estar aberto a novas informações e pessoas, num movimento autônomo em que os participantes estejam livres para que façam parte do coletivo, tanto como proponentes de trabalho, com colaboração direta ou indireta, com participação ativa na construção e execução de projetos, assim como, registro dos mesmos, ou ainda, por meio de compartilhamento de textos e ideias.

trezenumanoite.multiply.com

www.fotolog.com/trezenumanoite

IMAGENS Luiza Xavier



CABO DE GUERRA é uma conhecida brincadeira de criança que possui algumas regras e suas finalidades. Nesta ação partimos do jogo e criamos um novo propósito: em vez de vencedores e vencidos, o que nos interessa é a tensão provocada pelas forças desiguais dos corpos que compartilham o cabo de força e suas diferentes re(l)ações. A ação foi realizada pela primeira vez na Semana Experimental Urbana.



VÂNIA MEDEIROS

No jogo corpo-espaço cotidiano de quem vive nas cidades, quem dá as cartas é ele, o espaço. Uma linha no chão delimita/determina a direção e sentido dos trânsitos, pontos vermelhos luminosos impõem imobilidade. O intento do projeto "Pontos de Fuga" é realizar desenhos no espaço como forma de ressignificá-lo e propor possíveis novas trajetórias temporárias e usos do corpo e da percepção a partir de intervenções simples, no qual os materiais que tenham curta durabilidade como giz, fitas adesivas e outros, possam dialogar com as linhas e marcações que condicionam nossos percursos e experiência de cidade.

VÂNIA MEDEIROS

São Paulo SP

PONTOS DE FUGA

ruas e espaços urbanos da cidade

www.flickr.com/photos/vania_medeiros

WOLDER WALLACE

1 - ocupar um espaço público com uma proposta de arte tacitamente política não é algo simples para mim, pelo contrário. mas se o faço é por considerar a ideia uma exigência íntima - além de social. BRINDE é uma performance que se propõe elogiar os valores democráticos e republicanos (por meio das cores nacionais e do texto proferido no final), de questionar o custo social de ser brasileiro (através do corpo seminu e do rosto oculto) e, também, de valorizar o espaço público como território de arte acadêmica (neste caso, arte contemporânea). no mais, é usufruir a delícia de se relacionar com a população de uma maneira afetuosa (dando aos espectadores fragmentos da obra como singela lembrança).

2 - pisar no solo do rio grande do sul é algo especial para um pernambucano radicado, que se orgulha do local em que vive. de alguma forma estes dois estados dialogam para além do eixo rio-são paulo (semnenhum ranço xenófobo ou preconceituoso).

3 - por fim, cabe exaltar a iniciativa coletiva da Semana Experimental Urbana de criar condições para que artistas do brasil e do estrangeiro possam se conhecer e homenagear porto alegre com suas obras. agradeço a todos e em especial a rodrigo, camila e manuela.



WOLDER WALLACE

Recife PE

BRINDE

Largo Glênio Peres



NOITES NO QG DA TRAVESSA

Travessa dos Venezianos, 30

FESTA ABERTURA

SEU FALA!

conversa sobre projeto SEU

FALA SEU!

compartilhamento e apresentação
de trabalhos dos artistas
participantes

FESTA SEU FIM!

SEMANA SEU

VÍDEO

DOCUMENTÁRIO DO PORO

Intervenções urbanas e ações efêmeras
O Poro - interferências em arte, é de Belo Horizonte,
Brasil. Formado pela dupla Brígida Campbell e Marcelo
Terça-Nada!, atua desde 2002 tendo como focos
principais o espaço público, as manifestações efêmeras e
as mídias de comunicação popular.

poro.redezero.org

SESSÃO PIRATA #16: NOSSO

O coletivo Filé de Peixe, formado por Alex Topini, Felipe
Cataldo e Fernanda Antoun, realiza há 4 anos ações de
intervenção urbana e ocupações artísticas com base no
audiovisual. Desde 2009, desenvolve o projeto PIRATÃO,
prática artística que investiga e simula a economia
informal e pirata para a difusão de videoartes

coletivofiledepeixe.wordpress.com

TORRENTE

intensas intenções

CINE ÁGUA, formado por Dirnei Prates e Nelton
Pellents, apresenta a mostra torrente que reúne
um grupo de trabalhos em vídeo onde as ações são
pautadas pelo intenso e pela demasia no discurso e na
visualidade. A partir de diferentes enfoques - do desejo
íntimo e confessional até as angústias coletivas -, este
recorte reflete sobre uma produção que se utiliza da
objetividade no texto, aliada a imagens construídas
com rigor e precisão na busca da vazão caudalosa dos
sentidos.

cineagua.blogspot.com











VIVÊNCIA, RUA E RELAÇÃO

PORTOALEGRESEU.WORDPRESS.COM
portoalgreseu@gmail.com

APOIO



FINANCIAMENTO



Secretaria Municipal de CULTURA	Prefeitura de PORTO ALEGRE
---------------------------------------	----------------------------------